

## *Linguagem poética: brinquedos, desafio e ética*

No dia 09 de maio de 2023, às 19 horas, na Sala de Leituras do UniBrasil, tivemos o privilégio da presença da estimada professora e escritora Marta Morais da Costa, que por meio do Projeto Academia UniBrasil e do Curso de Pedagogia nos trouxe de forma empática, amorosa e pulsante a temática: Linguagem poética: brinquedos, desafio e ética.

Para a tessitura desse momento, é importante rememorar de forma sucinta, mas não menos expressiva, flashes da trajetória da professora Marta que revelam o privilégio que é tê-la por perto.

### **AUTORA:**

Fabiana Neves – Professora do curso de Pedagogia (UniBrasil), mestre e doutoranda em Educação (UFPR). Trabalha como psicopedagoga no Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado no município de Curitiba. Especialista na área da Educação Especial. Professora, palestrante, pesquisadora e escritora.

Nascida em 1945, uma mulher aguerrida, mãe, esposa, estudante, pesquisadora, mestre e doutora em Literatura Brasileira pela USP, Marta Morais da Costa foi docente nas disciplinas de Leitura, Poesia, Narrativas, História do Teatro e da Dramaturgia Brasileira. Produziu diversos artigos publicados e parcerias em livros sobre as respectivas temáticas. Podemos citar como um de seus livros marcantes “Mapa do Mundo: crônicas sobre a leitura”, envolvendo críticas sobre a formação de professores, a formação de leitores, a literatura infantil e a contação de histórias. Desde o ano de 2014, é membra da Academia Paranaense de Letras. Outra obra de relevância e que aponta para a importância da temática presente é “No que der e vier a poesia põe a colher”, em que a autora diz que “a poesia pode estar esperando você em qualquer situação, objeto, bicho ou pessoa. Você só precisa observar os detalhes e experimentar colocar tudo de cabeça para baixo e escrever o que você está experimentando”. Obra que expressa a aventura de viver, da existência e de fazer parte de um todo, como nos fascina Edgar Morin, por meio da Teoria da Complexidade, o mundo como um arcabouço, repleto de aventuras e possibilidades.

Toda escrita que segue certamente é contagiada pela fala da professora Marta, por suas contribuições e brilhantismo. Nesse mundo repleto de possibilidades, o ser humano tem no poder da expressão uma forma diletta de se manifestar, se colocar diante do mundo

e, por que não, acreditar em seu protagonismo operante. Nesse contexto, e sem pretexto, temos variadas formas de comunicar e de se comunicar, alinhadas às múltiplas linguagens que potencializam certamente a presença das pessoas e seu mundo multifacetado. Linguagem imagética, linguagem computacional, linguagem corporal, linguagem musical, linguagem plástica, linguagem pictórica, e dentre tantas outras, a linguagem poética, a qual incide nesse contexto.

Linguagem poética? Mas todos gostam de poesia? Há quem diga que não. Mas quero ficar, nas próximas linhas, com a porcentagem do sim, “eu gosto de poesia”. Poesia é um jeito de escrever, é um estado de comunicação. Ou seja, comunica algo, brinca com as palavras, aligeira a interação entre coisas, pessoas, lugares, nos diverte, nos faz sorrir, nos aproxima da arte, nos aproxima da ética e de modos

de valorar o outro. Mas também pode nos surpreender, amedrontar, dessaborear, melancolizar, entretanto, é fato, que aprendemos muito com o que nos causa desconforto, com aquilo que nos desequilibra momentaneamente. Enfim, a relação com a poesia pode ser dicotômica de recusa/envolvimento, tristeza/alegria e desassossego/encantamento.

Linguagem poética é brincar com as palavras e deixá-las penetrar a alma humana a ponto de ressignificar nosso estado, nossa existência, nossa incompletude. No Brasil, somos embebecidos por inúmeros escritores e poetas, podendo citar Maria Betânia, Chico Buarque, Mario Quintana e Manuel Alegres que fazem as palavras tomarem forma, se tornarem vivas, com sentido, e significadas, polinizando sabores e dissabores da essência humana.

Nesse sentido, o professor tem em sua jornada papéis que lhe cabem com esmero. Um deles é compartilhar com seus alunos seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, construir pontes entre a informação e o conhecimento. Isso ocorre por meio da leitura como uma ferramenta capaz de ampliar a visão de mundo dos discentes, repertoriá-los, trazer identidade pessoal, conectá-los àquilo que lhe é diferente, aprimorar sua condição humana, entendendo a humanização como um processo libertador de reconhecimento, acolhimento e crescimento do sujeito. A linguagem poética pode, sim, ser uma aliada eficaz nesse processo.

O enfoque do trabalho com a linguagem poética pode possibilitar: o protagonismo dos sujeitos; a deflagração de potencialidades; a comunicação que nos humaniza; e a beleza do transformar-se.



Marta Moraes, Andrea Mayer Veiga, Fabiana Neves

Sobre o protagonismo do sujeito, se a interação com o meio e a leitura nos identificam enquanto humanos, a escrita reflete aquilo que nosso repertório, nossa vida, nossas experiências deixam como legado para esse mundo. Ou seja, incentivar a escrita de nossos discentes é uma prática que materializa o sentido da existência e o perpetua. Poesia traz a vida cotidiana falada de forma alegórica. Entretece e embebece por meio do simbólico. Diz coisas que por seu alinhamento de ideias, palavras e contextos, fora do contexto poético, ficaria difícil de dizer; aí nos deparamos com a sua autenticidade.

A linguagem poética deflagra potencialidades, como arte. Pode estampar a condição humana, selecionar o que é bom, o que é ruim, as mazelas e qualidades dos sujeitos. Aponta recusa, alegria, envolvimento, isso é pessoal e intransferível, evidencia o que é potente nos indivíduos à medida que se materializa, ou seja, vira ação.

Provoca

Ovaciona

Expressa

Saboriza

Instiga

Amoriza



Ela também pode ser concebida como comunicação que nos humaniza, ou seja, a linguagem poética pode promover empatia frente às interfaces e demandas sociais. E para além disso, compreendê-la como uma linguagem dinâmica, acessível, capaz de demarcar tempos, sociedades, pessoas, lugares, desejos, conhecimentos e realidades. A escrita poética entrelaça a inspiração, que está intrinsecamente ligada à motivação, ou seja, o que motiva o sujeito ao ato do registro escrito. Isso tem a ver com repertório, vivências, experiências, sentimentos e disponibilidade de se colocar e de se expor. Um segredo para todo novo escritor é considerar os pequenos começos, valorizar seus pensamentos, não desprezar ideias iniciais, mas acreditar que a partir delas novas ideias surgem, se aprimoram e nutrem a palavra, o texto e o contexto. Bernard Charlot (2013), ao postular sobre as relações com o saber, traz a perspectiva da leitura positiva

que fornece dados emancipatórios, de um sujeito repertoriado, em que o mesmo leia e interprete o mundo a sua volta, percebendo seu todo, cores e nuances, detalhes e interfaces. Sujeito que se supere e veja além do que as lentes concretas podem alcançar; ou seja, aproxime-se das entrelinhas.

Referente à beleza do transformar-se, a poesia tem um poder sensorial de mover sentidos variados: olfato, tato, audição, visão e paladar. Isso a torna presente, latente e perene. O que não pode faltar nessa trajetória? A curiosidade e o mobilizar-se para os saberes, significa também, encantar-se pelos saberes, a ponto de se deixar modificar por eles. Como Costa (2023) diz, “O que me atrai nos poemas? A música dos versos, a originalidade das imagens e o dizer muito em poucas linhas”.

Considerando a linguagem poética como viabilizadora do protagonismo dos sujeitos; linguagem que deflagra potencialidades; que humaniza; e que oportuniza a beleza do transformar-se, a mesma se mostra como linguagem essencial, que contribui no fazer pedagógico docente, seja para a mais tenra idade ou para acadêmicos do ensino superior. Ou seja, poesia deve ser encarada e tratada como uma linguagem que possibilita a reforma do pensamento, preconizada por Edgar Morin (2014), por meio da Teoria da Complexidade, ao trazer consigo a ideia de totalidade para compreensão do mundo e das experiências nele expressas, admitir incertezas, encarar a incompletude humana a ponto de integrar a cultura científica à cultura humanística como forma de se aproximar mais da essência do ser e de suas demandas.

